

CRIARCONTEXTO: IMAGENS DA EDUCAÇÃO E ESQUECIMENTOS EM TEXTOS PUBLICITÁRIOS¹

Alita Carvalho Miranda Paraguassú² e Eliane Marquez da Fonseca Fernandes³

alitaparaguassu@hotmail.com e elianemarquez@uol.com.br

Palavras-chave: educação, saber-poder, biológico, produtividade.

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise de algumas peças publicitárias de instituições educacionais de nível básico, a fim de encontrar certas regularidades, na dispersão de enunciados, com relação ao enfoque da educação brasileira, quer no aluno ou no professor. O *corpus* foi selecionado no meio virtual da internet e também nas ruas da Grande Goiânia, não havendo para os pesquisadores a necessidade de regionalizar esse *corpus*. Tendo como fundamentação teórica a Análise do Discurso, os enunciados analisados nos permitem delinear a perspectiva foucaultiana. Para tanto, a análise a ser apresentada neste trabalho envolverá prioritariamente o conceito de saber e sua produção nas relações de poder, a organização dos saberes em formações discursivas e ainda as noções de bio-poder e bio-política conforme Foucault. Por certo, seguindo nessa orientação foucaultiana **ano**, trataremos o enunciado como da ordem do acontecimento.

Essa análise justifica-se na medida em que como pesquisadores e leitores devemos investigar e reproblematicar as verdades já cristalizadas, compreendendo o porquê de essas verdades e não outras serem estabelecidas e regularizadas. Afirmando a ideia de um enunciado como uma irrupção, um acontecimento **fonte**, no meio de tantos outros, investigamos as peças publicitárias escolares não como enunciados de um velho discurso sobre a educação brasileira, mas como uma nova ordem discursiva sobre a educação que irrompe no atual sistema produtivista. É justamente por essa concepção de que a educação no Brasil é sempre a mesma, e os problemas também os mesmos, que nos debruçamos sobre esses enunciados para ler de que maneira temos conceituado e construído o saber sobre a educação brasileira, principalmente no que se refere às posições do professor e do aluno. Desde já adiantamos que a produção dessas verdades

¹ Revisado pela Orientadora

² Orientada

³ Orientadora

sobre a educação e o professor aponta para uma transformação das relações de poder mais vigentes e tradicionais

1. NOÇÕES DE SABER E PODER EM MICHEL FOUCAULT

Durante seu percurso teórico, Foucault compreende o saber e o poder em uma constante relação de reciprocidade. O saber funciona como uma corrente transmissora e naturalizadora do poder. O poder, por sua vez, produz: individualidades, verdades, saberes. De acordo com Roberto Machado (2006, p. 177), para Foucault “não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, e, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber”.

O século XVIII é caracterizado como um período em que os saberes foram disciplinados. Trata-se de uma homogeneização, normalização e centralização dos saberes. Foucault se debruça, então, não sobre os saberes localizados no topo dessa hierarquia, mas sobre “uma insurreição de saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa.” (FOUCAULT, 2010, pg. 171).

Assim como procura analisar o poder não como uma instância entre dominadores e dominados, e sim por uma perspectiva de um poder capilar e molecular, que funciona em cadeia, entendido como micro-poderes, Foucault pretende estudar os saberes locais e descontínuos. Assim como o poder se espalha por toda a malha social, a produção de saberes também irrompe nessa rede complexa e periférica. Segundo, Foucault, em *Genealogia e Poder* (2010), a genealogia seria um empreendimento para libertar os saberes históricos de “um discurso teórico, unitário, formal e científico”(2010, pg.172). Em *Soberania e Disciplina* (2010), afirma que seu intuito é captar o poder na sua extremidade cada vez menos jurídica.

Para Veiga-Neto (2007), Foucault define o saber como articulado ao poder e como uma construção histórica. Saber e poder são os dois lados de um mesmo processo, entretanto, enquanto o poder flutua, não se ancorando em uma instituição, o saber se estabelece e se sustenta em elementos formais, podendo ser apreendido, ensinável, manuseado.

Conforme nos afirma Gregolin (2006, pg. 95), “Foucault entende o saber como um conjunto de elementos formados de maneira regular por uma prática discursiva.” Em sua fase arqueológica, Foucault analisa os discursos como práticas que obedecem a regras, no entanto, não busca a origem dos discursos. Nas próprias palavras de Foucault (2009a, p.158), “Não é o retorno ao próprio segredo da origem; é a descrição sistemática de um discurso-objeto”.

Em *A ordem do discurso*, (2009b), obra na qual Foucault empreende o que denominamos como sua fase genealógica, o pensador define a parte genealógica da análise como aquela que se detêm na efetivação do discurso, ou seja, procura “apreendê-lo em seu poder de afirmação” (pg.69).

Neste trabalho, analisaremos a regularidade de enunciados materializados em peças publicitárias, tendo como tema a educação. Essa regularidade nos permite analisar alguns saberes e verdades sobre o espaço e o tempo educacionais. Do mesmo modo, a construção desses saberes se dá efetivamente em meio a relações de poder, as quais determinam a força de verdade que tais enunciados possuem. . “A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2010, pg. 14). Em nossa sociedade, por exemplo, os saberes biológicos e tecnológicos têm prevalecido sobre os saberes mais locais, portanto, os enunciados que se encaixam nesses discursos produzem um maior efeito de verdade.

Seguindo as próprias orientações de Foucault, não nos restringiremos a um método arqueológico ou a um método genealógico, visto que

A crítica[método arqueológico] analisa os processos de rarefação, mas também de reagrupamento e de unificação dos discursos; a genealogia estuda sua formação ao mesmo tempo dispersa, descontínua e regular. Na verdade, estas duas tarefas não são nunca inteiramente separáveis(...) (2009b, pg.65).

Em sua fase arqueológica Foucault pesquisou a construção dos saberes sobre o homem na modernidade, como por exemplo, a segregação entre o louco e o normal, o patológico e o saudável. Em sua fase genealógica, estudou o poder manifestando-se no que temos de mais concreto: nossos corpos. Traça uma linha de acumulação de poderes desde o poder soberano até o poder pastoral, o poder disciplinar e o bio-poder e a bio-política.

Devido à regularidade de enunciados contida em nosso *corpus* daremos maior ênfase ao poder disciplinar e ao bio-poder, no entanto, isso não equivale a afirmar que os saberes sobre a educação não imergem de uma relação entre os poderes pastoral e

soberano. Aliás, o discurso de um professor como um missionário e um redentor da humanidade se afirma justamente em relação a esse não desaparecimento do que é característico da soberania e do pastor. No entanto, focaremos o adestramento dos corpos na escola, por isso, a seguir falaremos sobre o poder disciplinar e o bio-poder.

2. O DISCIPLINAMENTO DOS CORPOS

Em *Vigiar e Punir* Foucault analisa a manifestação do poder sobre os corpos. Primeiramente, realiza uma descrição e análise do poder do soberano sobre os corpos de seus súditos, de maneira que a própria presença física do soberano garantia a realidade política desse sistema, anterior ao desenvolvimento do capitalismo. Os corpos dos súditos pertencem ao soberano e o suplício serve como exemplo do que os bons servos não devem fazer. O suplício é um castigo ao súdito que se rebeldia contra a presença física e política do rei. É em verdade uma técnica, regida pela lei, que trabalha o sofrimento de maneira graduada e deixa no corpo do supliciado marcas que não devem se apagar.

A punição era, portanto, um espetáculo do qual a população também participava. O condenado era levado a confessar os crimes dos quais era acusado. Era necessário se humilhar e implorar ao rei o fim da mutilação de seu próprio corpo. Além disso, os juízes também exerciam um poder soberano, pois todo o processo de julgamento, contendo provas e acusações, se dava de maneira sigilosa. O condenado apenas tomava conhecimento de sua pena.

Para Foucault (2007a, p.25),

o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica (...).

Desse modo, partir dos séculos XVII e XVIII, com o desenvolvimento industrial, desenvolve-se uma nova mecânica do poder, era necessário extrair dos corpos tempo e trabalho em favor da sociedade. Uma perspectiva totalmente religiosa e fundamentada nos preceitos católicos e cristãos sede espaço ao olhar mais científico, racional e detalhado. O suplício e a mutilação dos corpos se tornaram técnicas prejudiciais ao desenvolvimento econômico do sistema capitalista que se instaurava. Segundo Foucault, em *Soberania e Disciplina* (2010), essa nova economia do poder

multiplica as forças dominadas e aumenta a força e a eficácia de quem as domina, através de um olho vigilante que vê sem ser visto.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 2007a, p.119).

O corpo dos condenados não pertence mais ao rei, mas passa a ser tratado como um bem social. As penas são suavizadas e os juízes não são mais os donos da verdade. O processo de condenação agora exige investigação e provas fundamentadas, além de garantir a heterogeneidade das penas de acordo com as peculiaridades de cada crime e dos personagens envolvidos. Objetiva-se utilizar os corpos dos condenados da maneira mais útil possível. Prevalencia a ideia geral de aqueles que se submetem à prática criminosa o fazem por vadiagem e preguiça, portanto, o melhor castigo seria empregá-los.

Prosseguindo em sua fase genealógica, Foucault analisa o desenvolvimento de um direito político no século XIX em que o poder de se deixar viver e fazer morrer, exercido pelo soberano, se inverte em um fazer viver e um deixar morrer. Enquanto nos séculos XVII e XVIII apareciam técnicas de poder centradas no corpo individual, tornando-o uma força útil e dócil, desde a segunda metade do século XVIII desenvolve-se uma tecnologia que investe sobre a massa, sobre o corpo social.

Nas palavras do próprio Foucault (2005) essa nova tomada do corpo pelo poder se faz em direção a um “homem-espécie”, movimento denominado como uma “estatização do biológico”. Promove-se uma gestão calculista da vida chamada de biopoder. Essa nova responsabilidade do sistema político de encarregar-se da vida se manifesta em forma de estatísticas, campanhas, normas e fundamenta-se em um discurso científico. Trata-se de “distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade” (FOUCAULT, 2007b, p. 157). O detalhamento e o conhecimento científico sobre o corpo assumem um primeiro plano, afinal para que um corpo seja útil, além de submisso é necessário que ele seja saudável.

Em *Poder-Corpo* (2010) Foucault nos afirma que no decorrer do século XIX o enfoque é o corpo da sociedade, e não mais o corpo individual. Esse corpo será protegido de modo quase médico e as técnicas do suplício são substituídas pelas da

asepsia. Cuida-se de um novo corpo, um corpo múltiplo: a população. A bio-política, esse cuidado e essa gestão da população, implanta mecanismos que enfocam previsões, estimativas e medicações globais. A população não é apenas um problema político, mas científico e biológico. Não são apenas as leis que impõem o que podemos ou não fazer com os nossos corpos e com os corpos dos outros, mas sobretudo as *normas*, regras “naturais”, é que vão nos orientar, na sociedade moderna, a como cuidar dos corpos para que eles vivam de maneira mais útil, saudável e durem mais tempo. Vivemos uma sociedade da normalização cuja “jurisprudência será a de um saber clínico” (FOUCAULT, 2010, pg.189).

Para Foucault não ocorre o desaparecimento de um poder em função de outro. Há uma acumulação e uma acomodação entre os poderes do soberano, o poder disciplinar e a bio-política. A ideologia do poder soberano ainda prevalece na medida em que sempre devemos obediência a algo ou alguém, há uma hierarquia que não pode ser desconsiderada. O poder disciplinar se conjuga com o bio-poder e com a bio-política de modo que se busca, na sociedade atual, formar corpos úteis e saudáveis, através da organização do tempo, através do treinamento e mesmo da disciplina alimentar.

São frequentes na mídia campanhas e informações sobre a alimentação e a prática de exercícios físicos, bem como sobre as cirurgias estéticas. Até mesmo a discussão sobre a beleza baseia-se em dados científicos e comprováveis. A importância do detalhe e o olhar clínico enfocam cada vez mais nessa busca da eternidade do corpo e do apagamento da velhice e da morte. Principalmente numa sociedade em que os jovens têm menos filhos, preservar os corpos já existentes de maneira produtiva é essencial para prevenir prejuízos futuros ao sistema capitalista.

2.2. ANÁLISE

Retomando o nosso objeto de estudo, o discurso sobre a educação, e o *corpus* selecionado, propagandas de escolas, intentamos mostrar agora ao leitor a manifestação da acumulação entre o poder disciplinar e o bio-poder sobre os corpos materializados nas peças publicitárias escolares, já adiantando que se trata especificamente dos corpos de alunos.

Compreendemos a escola como um espaço de intensa produção e movimentação de conhecimentos e saberes, incluindo os saberes sobre o corpo, afinal, é nesse espaço onde as crianças aprendem sobre o seu próprio corpo, sobre sua relação com o meio-ambiente e sobre a sexualidade.

Na primeira figura, selecionada para o nosso *corpus*, temos a visualização de um corpo masculino, branco, nem magro nem obeso, que se entorta para carregar uma pilha de livros em um dos braços e com o outro segura a mochila, a qual se transforma em um par de asas constituído por inúmeras figuras as quais funcionam como instrumentos de contato, representação e conhecimento do mundo: notebook, livros, lápis, gravatas, instrumentos musicais, um globo terrestre, máquina fotográfica, filmadora, fone de ouvido, cadernos, uma prancha, fotos, uma calculadora e é claro, não poderia faltar um estetoscópio.

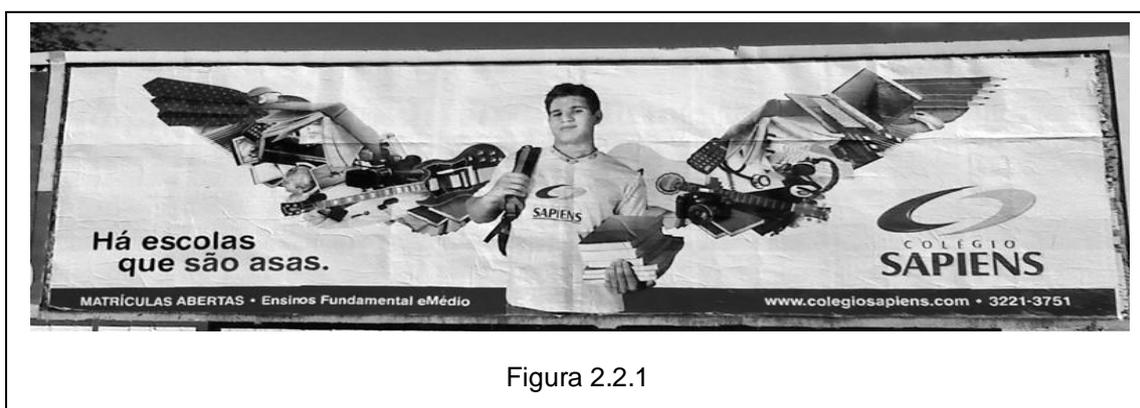


Figura 2.2.1

Essa imagem de “anjo” assemelha-se ao símbolo da justiça, a Deusa Dice que segura em uma das mãos a espada e na outra ergue uma balança, continuando com os ombros eretos e representando o equilíbrio, o corpo do aluno nessa propaganda pende para os livros e o conhecimento normatizado, no entanto, as asas, compostas por elementos também não formais, restauram o equilíbrio de sua coluna. Poderíamos também retomar o mito das asas de Ícaro, no qual as asas podem ou não auxiliar na fuga de uma prisão. Mas esse par de asas não pertence ao corpo do aluno nem ao corpo de Ícaro, é uma instrumentalização.

Desse modo, interpretamos que nessa propaganda a escola como a instituição normalizadora do indivíduo que garante a supressão dos desequilíbrios, desvios e ineficiências dos corpos. A escola forma e instrumentaliza os corpos dos alunos para alcançarem seus objetivos. As asas não fazem parte apenas de uma abstração, de uma metáfora, mas sim do próprio corpo. Nas asas não é representado apenas o conhecimento e a imaginação, mas a possibilidade de se criar, por vias humanas e racionais, uma transformação e uma melhor utilização das potencialidades do corpo. Também a utilização de recursos variados de aprendizagem que darão asas ao conhecimento e ao saber, não só cognitivo, mas corporificado. Nessa propaganda o

corpo humano é trabalhado sobre saberes com respeito a sua estrutura esquelética e muscular.

Na figura 2.2.2, o aluno negro e também jovem quem exprime o corpo como uma arcada esquelética e muscular forte. O cabelo raspado do aluno e o sorriso no rosto retomam o enunciado verbal da expressão de alegria tipo torcedor pela aprovação no vestibular, contido na peça publicitária. Mais uma vez a coluna não se encontra ereta, agora por outro motivo: o corpo salta no ar em um golpe de fúria e vitória. A não estabilidade do corpo desse aluno propicia a sua separação dos demais corpos, corpos de sujeitos que ao lerem a revista certamente não apresentam esse mesmo desvio e movimentação corporal. Vale ressaltar que a imagem de um negro, saudável e com músculos delineados nos braços retoma a ideia presente no imaginário brasileiro de um guerreiro, de um escravo que se liberta e supera o seu senhor.



Figura 2.2.2

Nas duas últimas propagandas escolhidas para este artigo visualizamos os corpos dos alunos investidos de moda e estilo. Embora com uniformes, os alunos não são colocados como uma coletividade homogênea, tanto as características físicas quanto a maneira de usar o uniforme como normalização e padronização corporal. são diferentes. Brancos, negros, com cabelos longos e curtos, claros e escuros, o jeans e a mochila, um casal dentro da padronização a diversidade e a subjetividade. Escolas voltadas para o corpo e a moda jovens, para os corpos saudáveis e “anteados”. Não é apenas o saber sobre o

corpo biológico e sexual dos alunos que constrói os enunciados dessas peças publicitárias, mas o saber sobre como instrumentalizamos e revestimos os nossos corpos diante do meio e dos outros.



Figura 2.2.3



Figura 2.2.4

Trata-se de materializar os corpos dos alunos de maneira que eles expressem a preocupação contemporânea com o bem-estar do corpo e da alma. A escola adentra e disciplina os corpos de maneira a formar uma massa homogênea e produtiva, e sim, com a perspectiva de produtividade de realçar as peculiaridades de cada indivíduo e de cada corpo beneficiando um coletivo.

3. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: CORPOS DÓCEIS E SAUDÁVEIS.

A partir da leitura dos enunciados acima podemos afirmar de fato que o nosso objeto de nossas investigações não é propriamente o discurso sobre a educação, algo bastante amplo, mas o discurso do investimento da escola no corpo de seus alunos. Desejamos analisar como a escola se apropria dos corpos e quais saberes estão fundamentando essa apropriação. Não são apenas saberes relacionados ao corpo biológico, mas a aspectos econômicos, políticos e mesmo questões filosóficas sobre a alma, o prazer e a felicidade.

Esse corpo jovem, além de saudável e belo, é maleável, flexível, adaptável e sente prazer. A escola como instrumento de biopolítica e biopoder buscado pelos pais para que seus filhos sejam adaptados e produtivos na sociedade. A competitividade do nosso sistema produtivo e a cobrança de ao mesmo tempo ser útil, submisso e contentar-se com isso são enormes. Todo o tempo são lançadas na mídia informações e verdades

sobre a saúde dos corpos, portanto não restritas ao consultório médico. O intenso cuidado com o corpo retoma um discurso também cristão de compreender o corpo como o templo de uma divindade (I Coríntios:6), e a orientação bíblica dada aos homens de cuidarem de suas esposas como se cuida do próprio corpo (Efésios:5).

Saberes construídos em diferentes áreas, como a medicina, a economia, a nutrição, a filosofia, a religião, a arte, apropriam-se do corpo e são resgatados nas propagandas escolares de modo a investir a escola como o espaço onde os corpos serão melhor trabalhados para o futuro. Esses corpos bem elaborados constituem um imaginário de eternidade do corpo que dialoga com a efemeridade dos produtos consumidos no capitalismo. Enquanto as “coisas” são descartadas e substituídas rapidamente, o corpo jovem é eternizado, valorizado e desejado. As deformidades são encaixadas no ramo da patologia e a morte se torna um tabu. Há uma transformação nas relações de poder mais periféricas, como a família, nas quais o corpo velho e idoso ou é desprezado ou é rejuvenescido e o corpo infantil e em fase de crescimento recebe extremos cuidados.

As instituições educacionais acabam por reproduzir a apropriação dos corpos que é feita em outros âmbitos, como o mercado profissional. Não que o poder da escola sobre o corpo seja de todo negativo, mas que deva ser realmente avaliado.

REFERÊNCIAS

BÍBLIAONLINE. <http://www.bibliaonline.net/acessar.cgi?pagina=pesquisa&lang=pt-BR> Acesso em: 19 de mar de 2011.

FOUCAULT, M. A descrição arqueológica. In: _____. *A arqueologia do saber*. 7.ed. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009b.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. 34.ed. Trad.: Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007a.

FOUCAULT, M. Genealogia e Poder. In: _____. *Microfísica do Poder*. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, M. Soberania e Disciplina. In: _____. *Microfísica do Poder*. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, M. Verdade e poder. In: _____. *Microfísica do Poder*. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. 18.ed. Trad.: Albuquerque e Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007b.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Foucault: o discurso e a arqueologia dos saberes. In: _____. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. 2.ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006. MACHADO, Roberto. Epistemologia, arqueologia, genealogias. In: _____. *Foucault, a ciência e o saber*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. O poder-saber. In: _____. *Foucault & a Educação*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.